

Casos para ensino: uma descrição do caso William
Cases for teaching: a description of the William case
Casos para la enseñanza: descripción del caso William

Recebido: 11/12/2021 | Revisado: 15/12/2021 | Aceito: 17/12/2021 | Publicado: 18/12/2021

Maria Eduarda Lins de Lima

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6464-986X>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

E-mail: eduardalins16@gmail.com

Max Leandro de Araújo Brito

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2827-9886>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

E-mail: maxlabrito@gmail.com

Flávia Roldan Viana

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7289-4512>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

E-mail: flaviarviana.ufrn@gmail.com

Resumo

William é um aluno de 8 anos de idade que ainda não consolidou seu processo de alfabetização e mudou de escola. Na alteração de instituição, começou a ter problemas de convivência e ampliou suas dificuldades referentes ao conteúdo. Em seu cotidiano, era comum agressões verbais e físicas e enorme resistência para realizar as atividades. Com a mudança de professora e abertura para escuta, William começou a expressar o que sentia e foi acolhido. Depois disso, foram realizadas adaptações em suas atividades e intervenções diárias para reestruturação da convivência com a comunidade escolar. Ao fim do ano letivo foi possível notar significativos avanços pedagógicos e socioemocionais a partir das intervenções realizadas pela pedagoga. O seguinte trabalho é destinado a professores em formação, com objetivo de promover discussão sobre metodologias de ensino no processo de aprendizagem.

Palavras-chave: Casos para ensino; Formação de professores; Aprendizagem.

Abstract

William is an 8-year-old student who has not yet consolidated his literacy process and has changed schools. When changing the institution, he began to have problems with coexistence and increased difficulties related to content. In their daily lives, verbal and physical aggressions and enormous resistance to carry out activities were common. With the change of teacher and openness to listening, William began to express what he felt and was welcomed. After that, adaptations were made in their activities and daily interventions to restructure their coexistence with the school community. At the end of the school year, it was possible to notice significant pedagogical and socio-emotional advances from the interventions carried out by the pedagogue. The following work is intended for teachers in training, with the aim of promoting discussion about teaching methodologies in the learning process.

Keywords: Teaching cases; Teacher training; Learning.

Resumen

William es un alumno de 8 años que aún no ha consolidado su proceso de alfabetización y ha cambiado de escuela. Al cambiar de institución, comenzó a tener problemas de convivencia y aumentaron las dificultades relacionadas con los contenidos. En su vida diaria eran comunes las agresiones verbales y físicas y una enorme resistencia para realizar actividades. Con el cambio de maestro y la apertura a la escucha, William comenzó a expresar lo que sentía y fue bienvenido. Posteriormente, se realizaron adaptaciones en sus actividades e intervenciones diarias para reestructurar su convivencia con la comunidad escolar. Al finalizar el curso escolar, se pudo notar importantes avances pedagógicos y socioemocionales a partir de las intervenciones realizadas por el pedagogo. El siguiente trabajo está dirigido a docentes en formación, con el objetivo de promover la discusión sobre las metodologías de enseñanza en el proceso de aprendizaje.

Palabras clave: Casos de enseñanza; Formación de profesores; Aprendiendo.

Contexto - Quem é o William?

William é um aluno de 7 anos de idade, que estuda na Escola Estadual Tópicos Educacionais Especiais. Filho de mãe solo, tem duas irmãs: uma mais velha, e uma mais nova. Sua irmã mais velha ajudou a cuidar dele quando ele nasceu, mas saiu de casa pouco depois dele completar dois anos de idade. Sua irmã mais nova nasceu assim que ele completou 5 anos. No momento em que se passa o caso, em 2018, na Zona Norte de Natal, capital do Rio Grande do Norte, William reside com sua mãe e sua irmã mais nova, e não tem contato com seu pai biológico, o qual a última vez que viu, não tem lembranças.

William tem dificuldades de aprendizagem no processo de alfabetização. Não consegue ler nem escrever, o que acarreta em desconforto familiar, pois sua mãe cobra eficiência e eficácia na realização das atividades de casa, porém, não o auxilia. Além disso, na escola, não está sendo investigada a dificuldade, o que está sendo feito é a tentativa de saná-la, a todo custo. Diante da falta de avanço progressivo, a mãe de William mudou ele de escola, e, antes de matriculá-lo, pediu para conversar com a Coordenação Pedagógica para explicar o contexto em que William estava: sem apoio pedagógico em casa, por “falta de paciência” da mãe (relato próprio), e com idade avançada para o nível alfabético em que ele se encontrava. O ano letivo iniciou e a preocupação da responsável trouxe era em relação a sua aprendizagem no que tange à leitura.

A nova instituição e seu agir

Diante do que foi trazido pela mãe de William, a coordenação pedagógica se preocupou em entender o que se passava com o novo aluno. Muitos questionamentos foram erguidos pela equipe pedagógica. Era sabido por todos que grande maioria dos alunos da instituição não recebiam apoio pedagógico domiciliar, mas nem por isso tinham dificuldades de desenvolver as habilidades de leitura e escrita.

Então, a partir disso a escola esperou a vinda do aluno para poder avaliá-lo durante o decorrer do primeiro trimestre de aulas. Por causa da idade, não houve objeções quanto à matrícula dele no 3º ano dos anos iniciais do ensino fundamental.

Importante ressaltar que no terceiro já ano já são previstas na Base Nacional Comum Curricular (2016), habilidades de produção de texto e conhecimento de regras e

normas ortográficas, como destaque a seguir, alguns exemplos de habilidades retirados diretamente do documento:

- (EF35LP01) Ler e compreender, silenciosamente e, em seguida, em voz alta, com autonomia e fluência, textos curtos com nível de textualidade adequado;
- (EF35LP08) Utilizar, ao produzir um texto, recursos de referenciação (por substituição lexical ou por pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos), vocabulário apropriado ao gênero, recursos de coesão pronominal (pronomes anafóricos) e articuladores de relações de sentido (tempo, causa, oposição, conclusão, comparação), com nível suficiente de informatividade;
- (EF35LP09) Organizar o texto em unidades de sentido, dividindo-o em parágrafos segundo as normas gráficas e de acordo com as características do gênero textual.
- (EF03LP01) Ler e escrever palavras com correspondências regulares contextuais entre grafemas e fonemas – c/qu; g/gu; r/rr; s/ss; o (e não u) e e (e não i) em sílaba átona em final de palavra – e com marcas de nasalidade (til, m, n).
- (EF04LP01) Grafar palavras utilizando regras de correspondência fonema- - grafema regulares diretas e contextuais.

A partir das habilidades destacadas acima, nas quais não correspondem a porcentagem geral do que precisa ser trabalhado no terceiro ano, há de se prever uma extrema dificuldade do aluno William em desenvolvê-las, visto que ele não está alfabetizado. No entanto, como sua matrícula foi realizada baseada apenas na sua idade, não haveria como fazê-lo regredir para o segundo ano dos anos iniciais do ensino fundamental.

A resistência de William

Em razão da observação de William, vendo todos os seus colegas realizando as atividades sem muitos esforços, lendo os enunciados e respondendo-os sem auxílio da professora, o que ele nunca havia conseguido fazer, o discente começou a não gostar de ir para a escola.

Todos os dias, antes de sair, William relatava dores de barriga, dores de cabeça e muita sonolência. No entanto, em razão do dever de ir à escola, o que sempre foi primordial para a mãe de William, então não havia dor que não houvesse remédio.

Então, em dias de chuvas ou ensolarados, nublados ou no mormaço, William estava na escola. Por estar contrariado naquele ambiente, muita coisa o irritava. E em meados de abril/maio, iniciaram os casos de violência verbal e física.

Quando ele não conseguia fazer a atividade, William jogava-a longe. Quando os colegas tentavam ajudar, ele recusava. Quando os colegas se afastavam, ele se enfurecia dizendo que ninguém gostava dele. As crianças começaram a não querer mais brincar com ele no intervalo, nem dividir o lanche, nem chamá-lo para suas casas depois da aula para ver desenho.

Nos aniversários dos colegas, William deixou de ser convidado. O recesso escolar estava se aproximando e ele não tinha um convite sequer para alguma programação com seus colegas de escola. Por não ter irmãos ou primos da sua idade, William começou a ficar sozinho, e não conseguia avançar em suas atividades curriculares.

Seus colegas de classe diziam “não quero brincar com ele porque se ele perde, ele me bate” e, também “uma vez fui tentar ajudar e ele disse que eu era burro como ele, só que eu era querido da professora”. Uma colega, relatou também que “a professora falou que William não tem mais jeito!”

O recesso escolar chegou e todos ficaram distantes por duas semanas. Nesse meio tempo, a professora da sala de William precisou ausentar-se por questões de saúde e uma professora temporária assumiu a turma durante o segundo semestre do ano letivo.

Um novo recomeço

No primeiro dia de aula, deveriam, segundo o planejamento da professora anterior, serem feitas 5 páginas do livro de caligrafia e depois 2 do livro de matemática. No entanto, a nova professora decidiu fazer uma roda de conversa para conhecer melhor os alunos que iria conviver diariamente e construir a aprendizagem.

William apresentou resistência para sentar no chão, mas a professora foi até ele, abaixou, olhou em seus olhos e pediu com muita educação e gentileza que ele participasse da atividade, mencionando que ele só precisaria falar se quisesse.

Diante dessa condição, William cedeu e sentou junto aos seus colegas. A professora perguntou coisas como “o que vocês fizeram nas férias?”, “o que vocês mais gostam de comer?”, “qual atividade da escola vocês mais gostam?”, “alguém aqui gosta de matemática?”, “Alguém aqui NÃO gosta de matemática?”

Durante essa conversa, alguns alunos traziam relatos como “o William não sabe escrever direito” ou “William bate na gente as vezes” e a professora foi tomando nota de todos os relatos. Como era seu primeiro dia, propôs um formato de aula diferente, pediu que todos pegassem um livro na biblioteca e, como era de se esperar, William não quis ir.

Propositalmente, ficaram somente os dois em sala de aula e a nova professora pôde conversar com o seu aluno. Ali, ela conversou sobre tudo. Como era na casa dele, o que ele mais gostava de fazer, se ele gostava da escola e o porquê dele agredir verbalmente e fisicamente seus colegas.

No formato em que a professora falou e o ouviu, William abriu-se e contou como se sentia. Relatou que em casa diziam que ele nunca ia aprender e na escola ouviu que não tinha jeito. Disse que aquilo devia ser verdade, mas não gostava disso e por isso, ficava com raiva quase sempre.

Diante daquilo, a professora viu a necessidade de realizar intervenções naquela turma. A primeira, era a adaptação das atividades para William, para algo que ele conseguisse fazer e evoluir a partir do que ele havia construído. Ela percebeu que ele conseguia compreender melhor quando utilizava coisas que ele conhecia como exemplos nas atividades. Então, iniciou utilizando esses recursos e vez ou outra inseria algo desconhecido para ver como ele reagia.

As mudanças positivas

William, inicialmente, não respondia o que não sabia. Depois de duas semanas, começou a perguntar o que ele desconhecia, e quando via que era muito complicado, desistia. Ao longo do mês de agosto, já conseguia perguntar e realizar tentativas. Vale ressaltar que as adaptações que a nova professora fez eram todas as suas atividades, não somente nas que eram voltadas para habilidades de leitura e escrita, mas também outras competências exigidas em seu nível de ensino.

Em paralelo à adaptação curricular, a professora começou a brincar com eles no intervalo. Trouxe elementos, brinquedos e brincadeiras que eles não conheciam e, durante as aulas, começou a planejar junto a eles o que eles achavam que era ideal como semana da criança, que estava se aproximando.

A partir do levantamento da hipótese que eles fariam a própria semana da criança, houve uma euforia na sala. E, foi a primeira vez que William fez uma sugestão em voz alta e, surpreendentemente, todos aceitaram. Ele sugeriu que todos pudessem tomar um banho de mangueira no pátio da escola, e fazer uma guerra de bexigas com água. Todo mundo achou que seria muito divertido, e a professora também!

A partir daí, o novo vínculo estava se erguendo: William havia sido aceito pelos seus colegas, por causa da sua digestão de brincadeira. Os intervalos agora eram destinados a planejar a semana da criança ideal e o que eles podiam trazer para deixar ainda mais divertido. A professora sugeriu um lanche coletivo no último dia, no qual as crianças trariam o seu prato favorito.

A professora enviou um comunicado na agenda e todos os pais aceitaram colaborar com o lanche, pois viram seus filhos muito felizes em ir pra escola.

A semana da criança foi um sucesso e William estava cada vez mais entrosado com seus colegas e evoluindo muito nas atividades que a professora sugeria. Porém, ainda havia muito a se fazer e, por isso, ela conversou com seu aluno e combinou de que, a partir daquela data, ele levaria duas atividades de casa, para que ele praticasse mais, ao invés de uma.

Como ele estava conseguindo realizar todas e estava muito perto de conquistar o que ele mais queria (aprender efetivamente a ler e escrever), aceitou a proposta da professora. Acontecia, muitas vezes, de não realizar uma ou outra questão, por não ter entendido ou não saber a resposta. Mas, havia uma organização de tempo no qual a professora sempre reservava um espaço para retomada com qualquer aluno que estivesse com dificuldade. No fim do ano letivo, William tinha convite para ir a casa dos seus amigos, havia avançado significativamente no seu processo de alfabetização e iria para o quarto ano, com lacunas, mas com grandes avanços e desenvoltura para enfrentar o novo desafio.

Notas para ensino

Fonte dos dados

Os relatos aqui explicitados são oriundos da experiência profissional da escritora, que já atuou tanto em escola pública quanto privada ao longo de sua carreira. Para manter a discrição e integridade dos personagens do caso William, foram utilizados nomes fictícios de identificação.

Os objetivos educacionais

O caso William tem como objetivo promover reflexão entre professores sobre a relação professor-aluno e a necessidade de um espaço de escuta adequado para promover o processo de ensino e aprendizagem de maneira efetiva. Dito isto, são objetivos secundários, no uso do caso William:

- Compreender a necessidade de realizar um diagnóstico na turma em que se está;
- Analisar o que é dito pelas crianças para realizar um planejamento real;
- Entender a necessidade educativa dos alunos para realizar a confecção das atividades.

Alternativas para análise do caso

Para trabalhar o caso William é necessário compreender que ele precisa ser abordado numa perspectiva de formação de professores, entendendo o ambiente escolar como espaço formativo de cidadãos éticos e também como maior espaço de construção do conhecimento e que favorece a aprendizagem sobre o currículo regular, no qual todas as crianças têm direito ao acesso e o Estado tem o dever de ofertar, segundo a Constituição Federal (1988).

Além disso, é possível usar recortes para discussão em temas específicos, como: indisciplina e suas razões (AQUINO, 1988); (NAIFF, 2009); dificuldades de aprendizagem; relação escola e família; a influência da família no processo de ensino e aprendizagem; relações interpessoais, instâncias que podem ser vistas na obra de

Hubermann (2000), que trata sobre a vida de professores e suas fases e maiores dificuldades, como também, em um recorte sobre o início da vida docente na monografia de LIMA (2020), na qual traz em seu corpo a discussão dos maiores desafios enfrentados nas escolas públicas do Estado do Rio Grande do Norte.

Além disso, é possível elaborar colaborativamente um programa de convivência ética; além da construção de um plano de aula com a contribuição dos alunos.

Questões para discussão do caso em sala de aula

- 1) Qual a diferença entre a agressividade de William e de casos de alunos que sofrem / praticam bullying na escola?

A hipótese é que haja reflexão acerca do que é bullying, métodos de enfrentamento e intervenções preventivas para que isso não se torne mais um caso desse fenômeno prejudicial.

- 2) Qual a relação que a família de William tem com sua dificuldade de aprender a ler e escrever?

A hipótese é que seja fortalecido o conceito de comunicação entre escola e família como essencial, trazendo os pontos que necessitam ser fortalecidos tanto em casa quanto na escola, em um trabalho conjunto para a formação do aluno em questão.

- 3) O que modificou as relações dentro da turma do terceiro ano, comparando o primeiro semestre do caso com o segundo?

A hipótese é que se discuta diferentes formas de abordagem de profissionais distintas e os benefícios e malefícios de metodologias que são discrepantes.

- 4) O que pode ter ocasionado um primeiro semestre conturbado?

A hipótese é que seja considerada a saúde da primeira professora, discutindo possíveis motivações para as ações, bem como para o estado em que ela se ausentou do trabalho para tratamento.

- 5) Que intervenções vocês consideraram adequadas para aplicar em sala de aula, independente de fatores específicos?

A hipótese é que haja reflexão acerca do trabalho desenvolvido pelas docentes durante todo ano letivo, bem como da coordenação educacional, buscando avaliar as práticas realizadas e o que é considerado oportuno para uso posterior.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA PARA FUNDAMENTAR A DISCUSSÃO

AQUINO, Julio Groppa. A indisciplina e a escola atual. **Rev. Fac. Educ.**, São Paulo, v. 24, n. 2, jul./dez. 1998. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551998000200011. Acesso em: 03 de Dezembro de 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

HUBERMAN, Michael. O ciclo de vida profissional dos professores. *In*: NÓVOA, António (org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto, 2000. p. 31-61.

LIMA, E. F. D.; CORSI, A. M. [et al.]. **Sobrevivência no início da docência**. Brasília: Líber, 2006.

LIMA, Maria Eduarda Lins de. **Desafios de professoras/es-iniciantes no magistério: experiências em escolas públicas no Rio Grande do Norte**. Natal, Rio Grande do Norte, 2020.

NAIFF, Luciene A. M. Indisciplina e violência na escola: reflexões no (do) cotidiano. **Educação Unisinos**, v. 13, n. 2, p. 110-116, maio/ago. 2009. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/4936/2186>. Acesso em: 10 jun. 2020.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio Groppa. A indisciplina e a escola atual. **Rev. Fac. Educ.**, São Paulo, v. 24, n. 2, jul./dez. 1998. Disponível em:

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551998000200011. Acesso em: 03 de Dezembro de 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Base Nacional Comum Curricular. **A etapa dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental**. Secretaria de Educação Básica. - Brasília: MEC, SEB, 2016.

BRASIL. **Constituição** (1988). **Constituição** da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado **Federal**: Centro Gráfico, 1988.

GIL, Antônio Carlos. Elaboração de casos para o ensino de administração. **Revista Contemporânea de Economia e Gestão**, v. 2, n. 2, p. 07-16, jul. 2004.

GRAHAM, Andrew. **Como escrever e usar estudos de caso para ensino e aprendizagem no setor público**. Brasília: ENAP, 2010.

LIMA, Maria Eduarda Lins de. **Desafios de professoras/es-iniciantes no magistério: experiências em escolas públicas no Rio Grande do Norte**. Natal, Rio Grande do Norte, 2020.

NAIFF, Luciene A. M. Indisciplina e violência na escola: reflexões no (do) cotidiano. **Educação Unisinos**, v. 13, n. 2, p. 110-116, maio/ago. 2009. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/4936/2186>. Acesso em: 10 jun. 2020.